

Estética del vestir

Para la mayoría de las mujeres españolas, moda significa la imitación, lo que se llama "lo que se lleva". Esta es la triste y exacta expresión: "lo que se lleva". Estas palabras encierran todo para a cara en el espejo del yo, porque miran la sensibilidad.

En Francia, una mujer coge un trozo y hasta que este no adquiere una relación monica con la sintaxis de la personalidad a que ha de adaptarse, no se convierte vestido. Como el "Mallorca" resulta bien, el sentido estético la conlleva luego cataloga de creación.

En otros países—Inglaterra, Alemania, Estados Unidos—, lo práctico, lo sencillo, triunfante, ha desplazado al concepto estético y ornamental de la moda.

En nuestro país pueden verse en las tiendas y ver que mujeres de clases acomodadas, por una gimnasia educativa del gusto, compran, con el mejor criterio, las más bonitas y las más baratas, mientras que mujeres obreras, a costa de enormes esfuerzos, se llevan las más caras, las más refinadas, generalmente, sedas, las fraldas feas y desde luego, nada prácticas.

Necesitas debemos calzoncillos para sustituir la vestimenta a "lo que se lleva" por sentido racional que integre la conjugación de estos dos elementos: lo práctico y lo estético.

Desde estas columnas hemos dado un concreto guiño sobre tejidos, dibujos, colores y formas del vestir de acuerdo con los dos rúbricas elementales y dentro de un método no menos esencial: el económico.

Metidos en un esquema de sentido verborrágico que se puede confeccionar con colores y calidades esponja, pliqué, jersey, que se encuentran en casi todas las tiendas y cuyos precios oscilan entre 1,50 y 4 pesetas. Para cuello, cinturón, botaflecos y ante de mangos es muy indicado el pliqué blanco.

La colección primavera y flor y la novela pictórica

editorial «Signum» ha incluido colección de libros clásicos que, el gusto selecto de su presentador y la modestia de su precio, merece toda alabanza.

Entre las primeras obras recogidas en la colección «Signum» figura la «Poesía de San Juan de la Cruz» de Luis Vives, «El Hospital de los pobres» y otros entremeses de Cervantes—figura «El

llorón» de Torquemada, que inicia, a finales del siglo XVI, el género de la novela picaresca, a través de un personaje español, el pícaro, que vive en la calle y se gana el sustento de su propia mano.

LIBROS

«El Lazarillo de Torquemada» contiene la descripción y crítica de unos cuantos tipos de la sociedad del siglo XVI, que se exponen con una sencillez de la vida española de aquella época—reliquión, honores, clases sociales—, y sobre todo, expresión de la miseria que imperaba en aquellos tiempos—la del máximo esplendor hispánico, según la Historia—.

«Materia integral» de Torquemada, que trata de la moral y física—que tanto se ha fugado hipercriticamente en las artes, en la literatura y en la filosofía—, con un recurso que no era sino moral, a la raíz de la rebelión y que desviaban el sentido ético y de la posibilidad de los que las artes...

Conclusão Comunidade e Empoderamento Feminino



Nadie puede desconocer la falta de gracia lógica que demuestran unos ojos cuyos movimientos se suceden en todas direcciones, mientras el "rimmel" mantiene rígidas y colas pestanas, que dan así a la cara un constante aire asustadizo de Bety estúpida. Las pinturas provocan una vejez prematura. Paralizan la expresión—por algo fueron creadas para disimular la muerte, para embellecer su quietud—. Están completamente uitian su verdadera gradación suave y sensible. Únicamente a las muchachas muy jóvenes y en este caso, si no las estropean, tampoco las favorecen. Y está perfectamente justificada la gloriosa exclamación de Sthenal: "Tenía la cara como una rosa y se ponía colorada". Por lo general, ponen fatiga en la cara, porque afirman y realzan los trazos producidos por la restitución.

Cuándo es bella una mujer?

Podemos definir la belleza como un equilibrio, como una concordancia. Una mujer es bella cuando su expresión superficial corresponda a su contenido íntimo. En la boca, en los ojos, en el conjunto expresivo de la cara, y en lugar de las pinturas, de encontrarse la bondad, la inteligencia, la sensibilidad: belleza.

Los poros limpios y sanos. La piel transparente para que no se pierda la memoria de la bella-puena—es lo mismo—. Todos los cuidados para que la piel pueda actuar y sentir en la transmisión de cada feminidad.

El maquillaje no corresponde a nuestra civilización, que ha ido depurando, eliminando los efectos perjudiciales del aire, del sol, de la humedad. Maquillarse supone una pérdida de la naturalidad. A la naturalidad, pero ya de vuelta. La mujer que se maquilla lleva su belleza dentro de sí misma. Y la sociedad, que no sabe apreciarla, se lamenta.

Las super-
ficies. Toda
es un adorno
grueso. Sin
belleza, como to-
do, es in-
finito. Se pue-
de sentir, ad-
mirar, pero no
apreciar. Al tocarla
el sistema, se
siente en sen-
tido. Por eso
se la puede
usar para
hablar en ca-
da colorate.
El arte: co-
municable. Y
mismo. Y
otra super-
ficies. No
tributar a
belleza, no
aquillanar,
en ser nos-
tramos. Ar-
tista.



Ainda se falará muito de experiências como essas que vivemos. O mais importante, porém, não é ter feito essa revolução, mas tê-la continuado em outros lugares, cada um e cada uma em seu contexto particular, ou em vários ao mesmo tempo, e sem trombetas nem tambores.¹

Como mulheres cujas necessidades particulares foram negligenciadas pela sociedade em geral e também por seus companheiros libertários, as militantes da Mulheres Livres tinham um compromisso especial com a criação de uma sociedade que reconhecesse e valorizasse a diversidade. O empoderamento seria alcançado por meio da luta pelos valores anarquistas de coordenação sem hierarquia, diversidade sem desigualdade e individualidade com coletividade.

Por mais breve que tenha sido, a revolução da Mulheres Livres teve um papel muito importante. Sua experiência exerceu um impacto amplo e duradouro na vida das militantes, adolescentes ou adultas, que décadas mais tarde diriam que aquelas acontecimentos transformaram radicalmente sua vida. A energia, o entusiasmo e o senso de empoderamento pessoal e coletivo que elas experienciaram se converteram em indicadores do que a vida poderia ser e do que as pessoas poderiam

¹ Carta de Anna Delso reproduzida no prefácio de seu livro *Três cents homes et mol-*

conseguir se trabalhassem juntas com compromisso e esperança. Para mim, o aspecto mais gratificante deste trabalho foi o contato com as pessoas, mulheres e homens, que conservam esse sonho ao longo dos anos de exílio e/ou de opressão. Certamente, uma das razões pelas quais puderam fazer isso foi porque, para eles, a revolução não foi apenas um sonho ou uma esperança, mas, sim, uma transformação real.²

Desejo explorar aqui as implicações das atividades da Mulheres Livres para algumas das questões centrais enfrentadas pelas feministas e pelos ativistas sociais — empoderamento, incorporação da diversidade e o significado e a natureza da participação política e social. As militantes da Mulheres Livres abordaram a diferença de gênero dentro do contexto do movimento operário. As feministas e os partidários da democracia participativa contemporâneos estão se esforçando para criar uma sociedade que possa lidar com as diferenças de classe, raça e étnicas, de orientação sexual, idade e capacidade física, assim como de gênero. Acredito que a experiência da Mulheres Livres tem muito a nos ensinar sobre a relação entre os indivíduos e as comunidades, e também sobre o significado da diferença.

“Os covardes não fazem a história”: um legado de empoderamento

Você vive numa cidade onde as mulheres estiveram referidas a uma vida obscura, insignificante, consideradas pouco mais que coisas, dedicadas quase que exclusivamente ao trabalho doméstico.

tico, ao cuidado da família? Não há dúvidas de que você já tenha pensado nisso muitas vezes com desgosto, e que, ao ver a liberdade de que desfrutavam seus irmãos, os homens da sua casa, sentiu o infortúnio de ser uma mulher. [...]

A Mulheres Livres vai contra tudo isso que você teve que sofrer. Queremos que você tenha a mesma liberdade que seus irmãos [...] que sua voz seja ouvida com o mesmo respeito com que se ouve a de seu pai. Queremos que você consiga essa vida independente que alguma vez desejou. [...]

Perceba que seu esforço é necessário: para alcançar tudo isso, você precisa do apoio de suas companheiras. Precisa que outras tenham os mesmos interesses e precisa se apoiar nelas, e elas em você. Em uma palavra, precisa trabalhar em comunidade.³

Tanto as feministas quanto os comunalistas reconheceram que é difícil para indivíduos isolados sentir-se forte e poderoso. Como escrevia Marge Piercy, “forte é o que fazemos/ umas às outras. Até que todas sejamos fortes juntas, / uma mulher forte é uma mulher fortemente assustada”.⁴ Ao desenvolver um sentimento de união com relação aos outros, é frequente que indivíduos subordinados superem o sentimento de impotência que pode dificultar a transformação social.

Profundamente arraigada no anarquismo de tradição comunalista, a Mulheres Livres insistia que o processo de empoderamento individual era, fundamentalmente, um processo coletivo. Assim como as feministas contemporâneas, a Mulheres Livres reconhecia que as pessoas não existem como indivíduos isolados. Elas vivem em famílias e comunidades,

2. Ackelstern, Martha. “Revolution and Community: Reflections on the and Perceptions of Change in Civil War Spain.” *Revolution and the Construction of Living Change* [Mulheres Vivendo a mudança]. *Fluxus*. Toronto: 1980. pp. 85-115.

3. Comitê Nacional, Mulheres Livres. “Como organizar una agrupación Mujeres Libres” (Como organizar uma agrupação da Mulheres Livres), em *Mujeres Libres*, Barcelona, 1938.
4. Piercy, Marge. “For Strong Women” [Para mulheres fortes], em *The Moon Is Always Female* [A lua é sempre mulher]. Nova York: Knopf, 1980. p. 57.

e o senso sobre si mesmas deriva das relações que mantêm com os demais membros dessas comunidades. Comunidades verdadeiramente igualitárias respeitam a diversidade e a individualidade de seus membros, e apenas quando vivemos e trabalhamos nelas podemos chegar a ser plenamente conscientes de nossos poderes e capacidades.

A Mulheres Livres foi fundada porque poucas cidadãs haviam experimentado o empoderamento dentro das organizações existentes nos movimentos anarquista e anarcossindicalista espanhóis. O grupo se propunha a se tornar uma “comunidade de empoderamento” para as trabalhadoras e, ao mesmo tempo, um âmbito organizativo para o empoderamento feminino dentro do movimento libertário.

A organização contribuiu claramente para fortalecer muitas de suas militantes, tanto as que tinham se relacionado previamente, ainda que pouco, com os movimentos anarcossindicalista como aquelas já envolvidas nestes em estruturas. Todas experimentaram os medos — e o orgulho — de “se virar sozinhas”, já que eram ativistas em um grupo de mulheres que só dependiam delas mesmas. O sentimento de comunidade que desenvolviam e compartilhavam entre si ao longo dos anos as transformou. Ter vivido essa época, penetrado e organizado novos cenários de atuação social fez com que conhecessem uma gama mais variada de suas próprias capacidades. A comunidade das demais mulheres com quem compartilhavam essas atividades se tornou a primeira fonte de confiança de sua nova consciência de si. A confiança chegou a outros libertários espanhóis e com as militantes da Mulheres Livres, depois da guerra, ajudou a manter vivas não apenas a lembrança de suas atividades em comum, mas também a capacidade dessa transformação pessoal.

O impacto dessas experiências variava muito de uma pessoa para outra e dependia dos contextos em que se deu.

tics que se encontravam ou que criavam para si mesmas.⁶ O empoderamento alcançado por essas mulheres está relacionado não apenas ao que conquistaram como indivíduos, mas, de maneira mais significativa, à comunidade de militantes, homens e mulheres, com quem viviam e trabalhavam — tanto durante a revolução quanto durante os anos de exílio e repressão que se seguiram. Essa conclusão não deveria nos surpreender. As teóricas feministas contemporâneas ressaltam cada vez mais a importância das relações entre mulheres. Algumas argumentam que as redes proporcionam apoio mútuo importante dentro das famílias, nos locais de trabalho e nas comunidades, e lhes permitem participar do que comumente é reconhecido como “ação política”.⁶ Outras têm centrado atenção nos modos como a posição ocupada pelas mulheres dentro das redes de amigos e familiares e sua relação particular com as instituições sociais definem sua autoimagem, até o ponto de poderem desenvolver orientações psicológicas, padrões de raciocínio moral e critérios de ação que diferem significativamente das normas — de orientação masculina — estabelecidas.⁷

6. ACKELSBERG, Martha. “Mujeres Libres: The Preservation of Memory under the Politics of Repression in Spain” [Mulheres Livres: a preservação da memória sob as políticas repressivas na Espanha], em PASSERINI, Luisa (org.), *International Yearbook of Oral History and Life Stories* (Anuário Internacional de história oral e história da vida privada), v. 1 (Memory and Totalitarianism). Oxford: Oxford University Press, 1992, pp. 125-43.

7. Ver, por exemplo, os ensaios de *Women and The Politics of Empowerment*.

8. *Outsiders, In a Different Voice*; RUDOLPH, Sarah. “Maternal Thinking” [Pensamento maternal], em *Feminist Studies*, v. 6, n. 2, 1980, pp. 342-67; e *Maternal Thinking: Toward*

the Politics of Peace [Pensamento maternal: em direção a políticas de paz]. Boston: Beacon Press, 1989; REITMAN, Sue. “Women’s Moral Dilemmas: In Pursuit of Integrity” [Mulheres vivendo a mudança], pp. 217-54; IVES, Brinton. “Gender and Individualistic Principles: Collectivist Bases for Notions about the Self” [Gênero e individualidade versus

princípios coletivistas para noções do eu], em *Journal of Personality*, v. 53, n. 2, jan. 1985, pp. 138-63.

A atenção ao entorno, característica que define o que poderíamos chamar de uma “concepção feminista de mundo”,⁸ era também um elemento importante do anarquismo espanhol. Muitos dos programas da Mulheres Livres tinham um forte componente de conscientização, o que permitia às participantes situar suas experiências num contexto social e construir solidariedade com os demais, tendo como base perspectivas compartilhadas. Como nos grupos de conscientização dos primórdios do movimento feminista contemporâneo nos Estados Unidos, as realizações individuais que uma mulher experimentava a capacitavam, pois estavam validadas pelas experiências das demais.

Os grupos de conscientização não são, é claro, os únicos âmbitos nos quais se produz uma transformação de consciência. Como reiterava Marx, a consciência muda durante a luta e por meio dela. Tradicionalmente, os marxistas interpretaram que a consciência verdadeiramente revolucionária — ou seja, baseada na luta de classes — nasce do conflito no local de trabalho, quando os trabalhadores reconhecem que são parte da luta comum contra a burguesia. Os anarquistas espanhóis criticaram a monocausalidade econômica dessa análise no mesmo tempo que conservaram a ênfase na luta e na ação

8. ARDENER, Shirley. “Introduction” [Introdução], em *Perceiving Women* [Percebendo as mulheres]. Nova York: Wiley, 1975; noureou, Susan C. & ouine, Donna R. (introduction: Women and Social Change” [Introdução: mulheres e mudança social], em *Living Change*, pp. 1-21; DIAMOND, Irene & ouine, Lee. “American Feminism and the Language of Control” [Feminismo americano e a linguagem do controle], em *Foucault and Foucault: Reflections of Resistance* [Foucault e Foucault: reflexões sobre resistência]. Boston: Northeastern University Press, 1988; pp. 193-206; ouine, Donna R. *Why Sex, and Power* [Dinheiro, sexo e poder]. Nova York: Longman, 1982; pp. 10-20; Dorah. “Feminist Insights and the Question of Method” [Insights feministas e a questão do método], em *Feminist Perspectives on Ethical Scholarship* [Perspectivas feministas no conhecimento ético]. Chico: Scholars Press, 1985; pp. 25-32; ouine, Donna R. “Context Is All: Feminism and Theories of Citizenship” [Contexto é tudo: feminismo e teorias da cidadania], em *Devianta*, outubro de 1987; pp. 1-34.

como geradores primários da consciência radical. As greves gerais da Andaluzia rural e da Barcelona industrial — tratadas no capítulo 2 — demonstraram que a consciência da opressão pode derivar de uma variedade de experiências em diferentes contextos, e que as redes comunitárias podem ser tão importantes na mudança de consciência como as lutas fabris. Os *ateneos* e as escolas racionalistas também forneceram ambientes apropriados para que as pessoas ensaiassem novos sonhos culturais, novas concepções de si mesmas e novas relações com o mundo.

Os anarquistas espanhóis reconheciam que a radicalização nasce da ação, e a Mulheres Livres se inspirou nesse reconhecimento. As pessoas desenvolvem novas concepções de si mesmas quando rompem com os modelos tradicionais, assumindo outros papéis e atuando em áreas que antes lhes eram negadas. Ao cruzar, com apoio do grupo, os limites daquilo que se considerava o “comportamento adequado”, a pessoa pode se capacitar e se questionar sobre a conveniência desses limites. As mulheres que participaram nas greves gerais e na “guerra das mulheres” em Barcelona durante as primeiras décadas do século XX, por exemplo, não abandonaram necessariamente seus bairros em protesto contra o preço alto dos alimentos *porque* estavam desafiando as concepções convencionais de “lugar da mulher”. Porém, mover-se para fora de seus bairros em direção a áreas mais públicas abriu-lhes novas perspectivas e proporcionou-lhes a base para o desenvolvimento de uma consciência crítica. As mulheres trabalharam nas fábricas durante a Guerra Civil Espanhola não porque estivessem desafiando a divisão sexual do trabalho, mas porque necessitavam dos salários para manter sua família enquanto o marido, irmão ou pai estava no front, e porque essas trabalhadoras tinham de ser realizadas por alguém, mesmo na ausência dos homens. Mas o processo de trabalhar nas fábricas — e encon-

trar mulheres em circunstâncias parecidas — teve efeitos radicalizadores. As mulheres que participam da luta comunitária em seus bairros com frequência percorrem um processo similar. Também pode ser que se engajem nos protestos porque creem que é seu dever, como mulheres, proteger suas famílias. Participar das ações pode ser algo politizador em si mesmo.⁹

O desenvolvimento da “consciência crítica” é um processo ativo que supõe tanto a “participação na luta social como o plano de mudança. O enfrentamento coletivo das estruturas de autoridade e/ou a criação de uma nova realidade político-social nos interstícios das relações de poder existentes gera consciências transformadas e garante energia para a ação continuada — a resistência”.¹⁰ Eu gostaria de enfatizar a importância do enfrentamento *coletivo*. Parece que a radicalização precisa da existência de uma comunidade de pessoas com quem o indivíduo compartilhe a experiência e valide o novo senso de si mesmo — ainda que, obviamente, nem todas as experiências de comunidade sejam radicalizadoras em um sentido

tido progressista.¹¹ A Mulheres Livres propiciou a suas filiadas essa comunidade, e esse sentimento comunitário entre as feministas contemporâneas (e também entre as da “primeira onda”) foi crucial para a mudança da consciência feminista.

A conscientização e o empoderamento por meio de experiências compartilhadas não são a única semelhança entre o feminismo contemporâneo e a Mulheres Livres. Outro aspecto do reconhecimento da importância da comunidade é a insistência na ideia de que somente podemos idealizar maneiras de superar as relações de opressão se levarmos em conta as relações familiares, trabalhistas e todas as outras em que estamos inseridos. A teoria e a prática feministas começaram a deixar claro que a coesão social que mantêm unidas em muitas sociedades não é uma estrutura formal de autoridade, mas, sim, padrões de relações humanas arraigadas nas necessidades comuns. As comunidades, inclusive os movimentos políticos, têm êxito não por causa de níveis hierárquicos de comando, mas pelos grupos que constroem as relações cotidianas que as sustentam.¹² Os grupos de afinidade da FAI, os

9. ACKELSSBERG, Martha & BREITBART, Myrna. “Terrains of Protest: Striking City Workers no, inverno de 1988, pp. 165-75; LAWSON, Ronald; HARRON, Stephen E. A protest for a Weissman, “From Kitchen to Storefront: Women in the Tenant Movement, 1914 para a linha de frente: mulheres na luta pela posse de terra”, em *New Spaces for Women* [Novos espaços para a mulher], Boulder: Westview Press, 1980, pp. 43-57; PAULA, Paula, “Immigrant Women and Consumer Protest: The New York City Ladies’ Boycott of 1902” [Mulheres imigrantes e protestos de consumidoras e boicote à carne kosher em Nova York], em *American Jewish History*, n. 70, verão de 1982, pp. 105; IURRELL, Wendy. “The Edison School Struggle” [A resistência da escola Edison, *Women and the Politics of Empowerment*, pp. 136-66; e também, *Women and the Politics of the City Against Us* [Tudo o poder da cidade contra nós], em *Politics of Empowerment*, pp. 97-116; CARROLL, Manuel. *The City and the Cultural* [A cultura dos movimentos sociais urbanos], Berkeley: University of California Press, 1984, pp. 179-80.

11. Ver, por exemplo, DWORKIN, Andrea. *Right Wing Women*, Coward, McCann e Geoghegan [Mulheres de direita, covardes, McCann e Geoghegan], Nova York, 1982; MCCOURT, Kathleen. *Working-Class Women and Grassroots Politics* [Mulheres da classe trabalhadora e bases políticas], Bloomington: Indiana University Press, 1977; GINSBURG, Faye. *Contested Lives: The Abortion Debate in an American Community* [Vidas contestadas: o debate sobre o aborto na comunidade americana], Berkeley: University of California Press, 1989.

12. KAPLAN, Temma. “Class Consciousness and Community in Nineteenth-Century Andalusia” [Consciência de classe e comunidade na Andaluzia do século XIX], em *Political Power and Social Theory*, n. 2, 1981, pp. 21-57; também STRACK, Carol. *All Our Kin: Strategies for Survival in a Black Community* [Toda a nossa família. Estratégias de sobrevivência na comunidade negra], Nova York: Harper and Row, 1974; e REINHARZ, Shulamit. “Women as Competent Community Builders: The Other Side of the Coin” [Mulheres e a competência na construção da comunidade: o outro lado da moeda], em *Social and Psychological Problems of Women: Prevention and Crisis Intervention* [Problemas sociais e psicológicos das mulheres: prevenção e intervenção em crises], Washington: Hemisphere, 1984, pp. 19-43.

ateneos, os núcleos em que a Mulheres Livres se estruturava eram de alguma forma coletivos iguaitários nos quais todos podiam se sentir parte da comunidade. As relações interpessoais nas quais as estruturas estavam baseadas, e que estas fomentavam, sustentavam o coletivo e seus membros. A ênfase dada pela teoria feminista na importância das relações de ajuda mútua é surpreendentemente semelhante à afirmação dos anarquistas espanhóis de que a sociedade ideal é baseada nas relações de mutualidade e reciprocidade — e regulada por elas —, e não na hierarquia e no domínio.

A Mulheres Livres, entretanto, também era consciente da natureza ambígua das comunidades. Concretamente, comunidades que ignoram ou negam as diferenças entre seus membros podem perpetuar as relações de hierarquia e domínio, apesar de um suposto compromisso com a igualdade. As críticas da Mulheres Livres às organizações anarquistas pelo seu fracasso na abordagem adequada do caráter único das mulheres se assemelham às críticas que as trabalhadoras e as mulheres de minorias étnicas fizeram aos movimentos feministas estadunidenses. As redes podem ser cruciais para a criação e a manutenção das comunidades, mas, se estas quiserem ser verdadeiramente igualitárias e transformadoras, essas redes devem incluir os dominados assim como os dominadores prévios, a minoria e a maioria.

Assim, outro aspecto da atenção dada pelos anarquistas e pelas feministas à comunidade como contexto para o empoderamento é a relação entre comunidade e individualidade. Como já apontou Martin Buber, uma pessoa precisa sentir que sua própria casa é um lar de estrutura abrangente no qual se sente confortável, sentir que os outros habitantes dessa estrutura com os quais convive e trabalha estão reconhecendo e confirmando sua existência individual.¹³ Para Buber, a re-

sência da verdadeira comunidade é reforçar o eu que se produz graças ao pertencimento ativo a uma comunidade de iguais. Os anarquistas espanhóis insistiam que a individualidade e a comunidade se reforçavam mutuamente. A Mulheres Livres trabalhou de acordo com essa ideia. A experiência do empoderamento, tanto pessoal como coletivo, baseada em redes de apoio e compromisso compartilhados, era um aspecto crucial da transformação revolucionária. O empoderamento que experimentaram necessitava, por sua vez, de uma comunidade que respeitasse e valorizasse as diferenças entre seus membros.

Diferença, diversidade e comunidade

A Mulheres Livres entendia o empoderamento como um processo comunitário, mas também admitia que nem todas as comunidades empoderavam. Por exemplo, as sociedades estruturadas hierarquicamente segundo níveis de classe, raça e gênero empoderavam alguns enquanto desempoderavam outros. Assim, um segundo legado da Mulheres Livres é o esforço, por meio da atenção que deu ao gênero, de criar uma comunidade que incorporasse integralmente todos os seus membros — nesse caso, respeitando tanto as semelhanças como as diferenças com os homens.

A Mulheres Livres exigiu que a reivindicação pelo reconhecimento e pelo respeito à diversidade incluisse as mulheres e os homens. Insistiu que o movimento anarquista e a nova sociedade que estava tentando criar *tratassem as mulheres da mesma maneira que os homens e, ao mesmo tempo, respeitassem as diferenças entre eles*. As militantes da Mulheres Livres nem sempre estiveram de acordo sobre quais eram essas diferenças ou sobre quais eram suas origens. Mas todas acreditavam que as mulheres deveriam ser aceitas em suas particularidades.

13. Buber, Martin, *Paths in Utopia* (Cambridge da Inglaterra: Harvard University Press, 1958), p. 107.

des, ser tratadas de modo que se admittisse suas diferentes condições de vida — sem pressupor necessariamente a permanência nessas condições —, e que era necessário permitir e encorajar que as mulheres contribuissem com sua perspectiva única com o movimento e com a nova sociedade.

Suas experiências se assemelham significativamente às das feministas contemporâneas e sugerem modos de tratar algumas das questões mais urgentes da agenda feminista atual: i) Como admitir as diferenças entre as pessoas — entre homens e mulheres, de classe, étnicas e culturais — sem impedir a possibilidade de transformação?; ii) Uma vez que essas diferenças sejam reconhecidas e detalhadas, que diferença isso faria? Como elas deveriam ser incorporadas organizativamente? O que supunha criar uma sociedade que reconhecesse grupos diversos de pessoas com necessidades igualmente diversas sem considerar os pontos de vista e características de alguns como normas para todos?

Políticas diferentes para as diferenças das mulheres?

Definições e expectativas dominantes acerca do que constitui as questões e comportamentos políticos legítimos incluem de maneira importante sobre o que entendemos por política, militância ou protesto, e sobre a criação de táticas e programas políticos. Nesse terreno, a afirmação de que as mulheres são fundamentalmente diferentes dos homens fora usada tanto para justificar sua marginalização do poder político e social como para culpá-las por isso.¹⁴ Sindicatos e partidos

organizaram seus programas de acordo com critérios masculinos, negligenciaram temas relacionados diretamente às mulheres — como licença-maternidade, igualdade salarial e cuidado dos filhos — e dedicaram pouca atenção a mobilizá-las para suas fileiras. Além disso, tenderam a desdenhar, ridicularizar e negar a importância política das ações de protesto promovidas por mulheres. Como consequência, elas raramente se veem ou são vistas como “animais políticos” capazes de participar de uma ação conjunta com o objetivo de tratar de temas de interesse comum.¹⁵

A experiência das mulheres nos movimentos anarquista e anarcossindicalista espanhóis ilustra algumas das maneiras como essas concepções sobre a diferença limitavam a militância feminina dentro do movimento. A crescente bibliografia sobre mulheres nos movimentos sociais, sobretudo nas organizações socialistas, evidencia que as frustrações das anarquistas espanholas não eram únicas.

Na Europa ocidental e nos Estados Unidos, os partidos políticos e os sindicatos têm sido as estruturas normativas

Immoral Man: A Consideration of the Public-Private Split and Its Ramification” [Mulher imoral, homem imoral: considerações sobre o rompimento do público-privado e suas ramificações], em *Politics and Society*, v. 4, n. 4, 1974, pp. 453-73; e ACKELSSER, Martha, “Communités, Resistance and Women’s Activism: Some Implications for a Democratic Policy” [Comunidades, resistência e ativismo feminino: algumas implicações para a democracia], em *Women and the Politics of Empowerment*, p. 301.

15. Ver, por exemplo, *Women and the Politics of Empowerment*, especialmente os ensaios de Sacks, Morgen, Costello, Zavella e Sussler; KATZENSTEIN, Mary Fainsood & MULLER, Carol McClurg (eds.), *The Women’s Movement of the United States and Western Europe: Consciousness, Political Opportunity, and Public Policy* [Movimento de mulheres nos Estados Unidos e Europa ocidental: consciência, conjuntura política e políticas públicas], Filadélfia: Temple University Press, 1987; FRIEDLANDER, Judith, COOK, Culture and Politics [Mulheres na cultura e na política], Bloomington: Indiana University Press, 1986; KAPLAN, Patricia & NUJIA, Janet M. (eds.), *Women United, Women Divided: Cross-Cultural Perspectives on Female Solidarity* [Mulheres unidas, mulheres divididas: perspectivas interculturais na solidariedade feminina], Londres: Tavistock, 1978.

14. BEAUVOIR, Simone de. *The Second Sex*. Nova York: Bantam Books, 1981. (O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.) Sobre as mulheres nas políticas as *Unnatural Practice: Political Science Leads at Women’s Participation* [Prática não natural: a ciência política para a política], em *Politics and Society*, v. 4, n. 2, 1974, p. 229-60; RUSMAN, Jean R. “Social Science

dominantes de participação social e política. Com pouquíssimas exceções, esses dois tipos de organização têm se desenvolvido, esmagadoramente, aos homens. Privadas do direito ao voto durante o século XIX e o começo do XX, as mulheres foram menosprezadas pelos partidos políticos, a não ser quando essas organizações sofriram pressões em relação ao tema do sufrágio.¹⁶ Mesmo que durante as primeiras décadas do século XX as mulheres tenham tomado parte na força de trabalho industrial em número cada vez maior, em raras ocasiões os sindicatos as incorporaram ativamente como membros de suas organizações ou adotaram suas questões como demandas prioritárias nas negociações com os patrões. A ideologia de gênero dominante concebia o trabalho como responsabilidade masculina e tratava as mulheres assalariadas como anomalias. À exceção de sindicatos inspirados na ação direta — como os Wobblies nos Estados Unidos, além da CNT na Espanha —, em geral as mulheres desapareciam da consciência dos partidos e dos sindicatos.¹⁷ Na Espanha, por exemplo, durante os primeiros anos do século XX, somente a Igreja católica e suas organizações levaram ativamente a sério a difícil situação das mulheres para provê-las com esforços organizativos importantes.

O socialismo e o feminismo apareceram na Europa ocidental quase simultaneamente em resposta a fenômenos econômicos e culturais relacionados — a promessa de liberdade e cidadania universal da Revolução Francesa e as

promessas de abundância e crescimento econômico da Revolução Industrial. Tanto o socialismo quanto o feminismo ressaltavam as contradições dessas revoluções e dos regimes políticos democráticos que lutaram para se estabelecer durante todo o século XIX. Os socialistas desafaram a proteção da propriedade privada pelas constituições democráticas e o escárnio que elas faziam de qualquer processo para o sufrágio universal. As feministas também se centraram nas contradições entre teoria e prática: “A declaração dos direitos do homem e do cidadão não excluiu as mulheres das esferas social e política; fez algo muito pior: estabeleceu sua ausência”.¹⁸ Nesse contexto, feministas e socialistas poderiam ter sido aliados contra noções limitadas de cidadania que, ao não reconhecerem as diferenças (de classe ou sexo), mascaravam e perpetuavam as relações de dominação.

As feministas e os socialistas europeus dividiram causas comuns em muitas ocasiões. Mas, como apontou Barbara Taylor em *Eve and the New Jerusalem*, “o radicalismo pela igualdade sexual” que caracterizou o socialismo utópico britânico no início do século XIX se perdeu com o desenvolvimento do socialismo científico, que considerava a divisão de classes como categoria central de análise. “O feminismo organizado era entendido cada vez mais não como um compo-

16. O sufrágio feminino foi conquistado em 1918 na Inglaterra, em 1920 nos Estados Unidos, em 1931 na Espanha e em 1944 na França. (Ho Brasil em 1932. *1932: A History of Industrial Workers of the World (IWW): ver também: Aida, Beatriz and Roses Revisited: Women's Culture and Working-Class Activism in the Eastern United States of 1912* [Plô e rosas revelados: cultura das mulheres e ativismo proletário nos Estados Unidos em 1912], em *Women, Work and Protest: A Century of U.S. Women's Labor History* [Mulheres, trabalho e protesto: um século de história do trabalho nos Estados Unidos], Boston: Routledge and Kegan Paul, 1989, pp. 25-31.)

18. FRAISSE, Geneviève. “Natural Law and the Origins of Nineteenth-Century Feminist Thought in France” [Direito natural e as origens do pensamento feminista na França do século XIX], em *Women in Culture and Politics*, p. 322. Ver também LANDES, Joan. *Women and Public Sphere in the Age of the French Revolution* [Mulheres na esfera pública no contexto da Revolução Francesa]. Ithaca: Cornell University Press, 1989; PICQO, Françoise. “Bourgeois Feminism” in France: A Theory Developed by Socialist Women before World War I [“Feminismo burguês” na França: uma teoria desenvolvida pelas mulheres socialistas antes da Primeira Guerra Mundial], em *Women in Culture and Politics*, pp. 332-5; e SCHWENKE, Charles. *Sisters or Citizens? Women and Socialism in France since 1876* [Irmãs ou cidadãs? Mulheres e socialismo na França desde 1876]. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, pp. 1-2.

nente essencial da luta socialista, mas como uma força desviante e causa de desunião, sem nenhuma relação inerente com a tradição socialista.¹⁹ O socialismo perdeu seu componente feminista; o feminismo dominante perdeu o interesse pelas classes e pela “coletividade”, criando o pano de fundo para o feminismo individualista liberal, que é hoje [anos 1980 e 1990] sua vertente principal, pelo menos nos Estados Unidos.²⁰ A experiência britânica não foi isolada: na França, na Itália, nos Estados Unidos e inclusive na União Soviética, além da Espanha, os grupos de oposição de esquerda foram tão afetados quanto os partidos da situação por causa da bifurcação causada pelas críticas baseadas em gênero — e em classe — e por concepções polarizadas acerca das diferenças entre mulheres e homens. Continuamente, as mulheres dos movimentos socialistas europeus se viram forçadas a escolher entre o socialismo — a escolha leal à classe trabalhadora — e o feminismo — a escolha leal às mulheres, para além das divisões de classe.

As mulheres socialistas de toda a Europa se opuseram a essa polarização e tentaram criar um feminismo socialista que reconhecesse a especificidade das mulheres dentro da classe trabalhadora. Trabalharam para que os movimentos socialistas aceitassem as mulheres e as diferenças de gênero. Porém, no geral, não obtiveram sucesso.²¹ Obrigadas a escolher

19. TAYLOR, Eve and the New Jerusalem, p. 16.

20. Ver também SMITH, Ruth & VALENZE, Deborah. “Marginally and Mainly: Class, Moral Theory and Working-Class Women in Nineteenth-Century England.” *Historical Journal*, vol. 47, n. 2, 2002, pp. 277-98, e SMITH, Ruth. “Class, Gender and Mutualidade: teoria da moral liberal e mulheres da classe operária no Império Britânico do século XIX”, em *Signs*, v. 13, n. 2, inverno de 1988, pp. 277-98, e SMITH, Ruth. “Class, Gender and Moral Space in the Historical Experiences of Women.” *Historical Journal*, vol. 47, n. 2, outubro de 1988, pp. 21-37.

21. ROYER, Marilyn. “Socialism Faces Feminism: The Failure of Synthesis in France, 1879-1914.” [Socialismo encontra o feminismo: a falha da síntese na França,

lher entre as lealdades, a maioria dessas mulheres, cuja identidade política estava arraigada nas organizações socialistas e que, certamente, sentia pouca simpatia pelas feministas burguesas, pensou que sua única opção era o socialismo, abandonando assim seus esforços para alcançar as mulheres trabalhadoras em suas particularidades. As interpretações sobre a desigualdade entre mulheres e as concepções políticas baseadas no gênero se combinavam para assegurar que tanto os partidos quanto os movimentos sindicais, inclusive aqueles comprometidos com uma transformação social radical, aceitassem definir, também com base nas questões de gênero, quais questões eram apropriadas para sua ação política e como as pessoas deveriam se mobilizar em torno delas. As concepções dominantes acerca da “diferença das mulheres” ou negavam a importância de qualquer diferença existente entre os gêneros — e, portanto, da necessidade de haver uma aproximação específica às mulheres trabalhadoras — ou definiam as mulheres em termos absolutos por conta dessas diferenças, e, assim, parecia não haver lugar para elas dentro dos partidos ou das organizações sindicais. Esse padrão de “escolha forçada” continua, na verdade, até nossos dias. Yasmine Ergas apontou em seu estudo sobre as mulheres da esquerda italiana, nas décadas posteriores à Segunda Guerra

1879-1914], em *Socialist Women: European Socialist Feminism in the Nineteenth and Early Twentieth Centuries* [Mulheres socialistas: feminismo socialista europeu no fim do século XIX e início do XXI]. Nova York: Elsevier, 1978, pp. 75-111; e ROYER, Marilyn. “When Radical and Socialist Feminism Were Joined: The Extraordinary Failure of Madeleine Pelletie” [Quando feministas radicais e socialistas se uniram: a extraordinária queda de Madeleine Pelletie], em *European Women on the Left* [Mulheres europeias à esquerda]. Westport: Greenwood, 1981, pp. 51-73; LAWSON, Claire. “The Marxist Ambivalence toward Women: Between Socialism and Feminism in the Italian Socialist Party.” [A ambivalência marxista com relação à mulher: entre o socialismo e o feminismo no Partido Socialista Italiano], em *Socialist Women*, pp. 146-81; e ROYER, Marilyn. “Anna Kulicicoff, Russian Revolutionary, Italian Feminist.” [Anna Kulicicoff: revolucionária russa, feminista italiana], em *European Women on the Left*, pp. 33-47.

Mundial, que as mulheres enfrentavam um “processo bipolar de validação [entre as categorias mutuamente excludentes de ‘mulher-mãe’ ou ‘mulher-trabalhadora’] baseado na alternância entre a especificidade e a marginalidade, por um lado, e a integração e a assimilação, por outro”.²²

Se os enfoques diferem, as consequências são semelhantes. As mulheres estavam completamente sub-representadas nos movimentos socialistas organizados da Europa ocidental no começo do século XX, e as que chegaram a participar lutaram uma batalha perdida por atenção a suas necessidades específicas. Ainda que os partidos e as organizações socialistas admitissem que as concepções existentes sobre política eram prejudiciais para a classe trabalhadora, não foram capazes de reconhecer o caráter de construção social de seus próprios pontos de vista sobre as mulheres. A “alteridade” das mulheres ocupava o mesmo lugar nos programas dos grupos socialistas de oposição que nas políticas dos regimes capitalistas aos quais se opunham.

Como mencionei, semelhante estreiteza de visão afetou também muitos movimentos feministas. À exceção das sufragistas operárias inglesas, quase todos os esforços feministas de organização ignoraram a dimensão de classe na crítica à “hierarquia masculina”.²³ Claramente, essa foi a

22. ERGAS, Jasmine. “Convergences and Tensions Between Collective Identity and Citizenship Rights: Italian Women in the Seventies.” (Convergências e tensões entre identidade coletiva e direitos sociais: mulheres italianas nos anos 1970), em *Women's Culture and Politics*, p. 303. Ver também ERGAS, Jasmine. “1968 1979 Feminism and the Italian Party System: Women's Politics in a Decade of Turmoil” (O feminismo e o sistema partidário italiano de 1968 a 1979: política para a mulher numa década turbulenta), em *Comparative Politics*, n. 14, abr. 1982, pp. 253-80; e em *ital. The Italian Party System: Women's Politics in a Decade of Turmoil* (O sistema partidário italiano de 1968 a 1979: política para a mulher numa década turbulenta), em *Comparative Politics*, n. 14, abr. 1982, pp. 253-80; e em *ital. The Italian Party System: Women's Politics in a Decade of Turmoil* (O sistema partidário italiano de 1968 a 1979: política para a mulher numa década turbulenta), em *Comparative Politics*, n. 14, abr. 1982, pp. 253-80. **23.** UNDERSTON, Jill & MORRIS, Jill. *One Hand Tied Behind Us: The Rise of the Women's Suffrage Movement* (A mão atada atrás de nós: o despertar do movimento sufragista feminino). Londres: Virago, 1978.

razão pela qual a associação Mulheres Livres não se identificava como “feminista”.

É fato que as mulheres estão marginalizadas da política dominante, mas as diferenças de gênero se inscrevem nas definições imperantes do “político” também em outro sentido. Em muitas ocasiões, tanto os militantes revolucionários como os estudiosos dos movimentos sociais são incapazes de reconhecer a militância feminina quando as linhas convencionais não são seguidas. Por exemplo, é muito menos provável que as mulheres ocupem papéis de liderança nos movimentos sindicais que os homens, sobretudo se a força de trabalho for mista. A militância das mulheres tende a entrar, mais que a dos homens, questões que afetam a qualidade de vida ou que englobam toda a comunidade, e não apenas o local de trabalho, ou até questões que cruzam as fronteiras entre casa, trabalho e comunidade. Surpreendentemente, a militância feminina adota com frequência formas que, para os padrões convencionais, aparecem como “espontâneas”, “não planejadas” ou “desorganizadas”.²⁴

Assim, a construção social das diferenças de gênero cria outros contextos para a organização das mulheres e suas atividades de protesto social. Como apontaram Frances Fox Piven e Richard Cloward, as pessoas se manifestam contra as instituições que as afetam nos contextos em que vivem e com os meios aos quais têm acesso.²⁵ A divisão sexual do traba-

24. KARLAN, “Female Consciousness and Collective Action”; LEVY, Darlene Gay; ANDERWHITE, Harriet Branson & JOHNSON, Mary Durham. *Women in Revolutionary Paris, 1789-1795* (Mulheres na Paris revolucionária, 1789-1795). Urbana: University of Illinois Press, 1979, pp. 3-12.

25. PIVEN, Frances Fox & CLOWARD, Richard A. “The Social Structuring of Political Protest” [A estrutura social do protesto político], em *Poor People's Movements: Why They Succeed and Why They Fail*, em *Journal of Political Science*, n. 10, 1977, pp. 449-72. PIVEN, Frances Fox. “Hidden Protest: The Channeling of Female Innovation and Resistance” [Protestos escondidos: canalizando a inovação e a resistência feminina], em *Signs*, v. 4, n. 4, 1979, p. 651; ver também GURMAN, Herbert. *Work, Culture and Society in Industria-*

Iho e outras formas institucionais de opressão estruturam a vida das mulheres de maneira diferente da vida dos homens. Assim, os contextos em que experimentam e resistem à opressão devem ser necessariamente diferentes. Até mesmo as mulheres sindicalizadas podem não ter o apoio dos sindicatos nas questões específicas de gênero. Além disso, a expectativa de papéis sociais, com a mulher sendo a principal responsável pelos cuidados da casa e dos filhos, pode também impossibilitar sua participação plena nas reuniões e atividades sindicais.

Não deveria ser surpreendente, então, descobrir que os contextos e as formas de resistência das mulheres diferem bastante dos contextos e das formas vividas pela maioria dos homens. Geralmente, elas dependem menos de organizações trabalhistas ou formalmente estruturadas e mais das redes locais de amigos, familiares, parceiros e colaboradores. Muitas vezes, o que ocorre com os homens, as manifestações de protesto das mulheres tendem a ser de ação direta, de modo que, ao mesmo tempo que tentam influenciar os detentores do poder, mobilizam e conscientizam os participantes dos protestos. A experiência de agir nessas esferas da vida previamente delimitadas como "privadas" ou "pessoais" pode chegar a exercer efeitos radicalizadores importantes. Enquanto, de acordo com a teoria marxista, é mais provável que os homens desenvolvam a consciência de classe em organizações baseadas nos locais de trabalho, para as mulheres as fontes de mudança de consciência podem ser bem diferentes. Como Myrna Brehst e eu argumentamos em outro trabalho, "Os batidos e os batidos de trabalho não são o berço de todo tipo de dominação, nem

os lugares por excelência da revolução, mas podem conter a possibilidade de lutar pela emancipação".²⁶

As organizações formalmente estruturadas são definidas como políticas, sobretudo as construídas hierarquicamente, tais como sindicatos e partidos políticos. As formas de protesto estruturadas de maneira mais vaga, não hierárquicas e "espontâneas", como os distúrbios provocados pelo aumento de preços de alimentos, as greves de inquilinos, as manifestações pacifistas e os atos de escracho, são frequentemente taxadas como não políticas. Paradoxalmente, como relataram Jacquelyn Dowd Hall e Nancy Hewitt sobre as atividades de resistência das mulheres no início do século XX na Carolina do Norte e na Flórida, quanto mais eficazes eram as manifestações, mais eram rotuladas como "desordenadas" e mais suas ações e figuras eram desvalorizadas. Esse processo pode ter sido consequência de vários fatores. Primeiro, sugere a negação da legitimidade de organizações com estruturas distintas da norma: o verdadeiramente político seria formalmente estruturado, e organizações temporárias não mereciam compor essa categoria. Em segundo lugar, pode também refletir uma tentativa de minar e desvalorizar as atividades de mulheres que desafiam o domínio masculino.²⁷

Uma maneira de efetuar esse processo de desvalorização é utilizar a sexualidade para rotular e anular as atividades das participantes das ações de protesto. Por um lado, as mulheres

26. ACKELSBURG & BRIETBART, "Terrains of Protest" [Terrenos de protesto], p. 174.

27. HALL, Jacquelyn Dowd, "Disorderly Women: Gender and Labor Militancy in the Appalachian South" [Mulheres desordeiras: gênero e militância ao sul dos Apalaches], em *Journal of American History*, set. 1986, pp. 354-82; mesa-redonda da qual participaram Jacquelyn Hall, Nancy Hewitt, Ardis Cameron e Martha Ackelsberg; "Disorderly Women: Gender, Politics and Theory" [Mulheres desordeiras: gênero, políticas e teoria], Berkshire Conference of Women Historians, Wellesley College, jun. 1987; e mais, Ardis, "When Indian Peasant Women Revolt" [Quando mulheres camponesas se revoltam], manuscrito. A alternativa clássica é a de Hobsbawm, *Social Bandits and Primitive Rebels*.

que reivindicam as mesmas prerrogativas de liberdade sexual desfrutadas pelos homens são, com frequência, alvos de ridicularizações concebidas para negar a seriedade de sua militância. Porém, mesmo aquelas que não concentram sua militância na liberdade sexual frequentemente têm suas ações definidas por sua sexualidade. Assim, tanto Nancy Hewitt como Jacquelyn Hall apontaram que as militantes sindicalistas radicais do Sul dos Estados Unidos foram alvo de insinuações e calúnias sexuais, não apenas por parte de representantes dos patrões, mas também dos sindicalistas, que pareciam incomodados com sua autonomia e independência. Essas classificações lembram as formas de ridicularização sofridas pelas militantes da Mulheres Livres, apelidadas de "Mujeres Liebres".

Nesses casos, o gênero se converte de novo em elemento constituinte do que se define como político. As mulheres, como tais, não podem ser seres políticos. Porém, essa separação entre sexualidade e militância ou, mais propriamente, entre sexualidade e a própria pessoa não é exigida dos homens. Pelo contrário, os homens ativos na política tendem a ser definidos, e a definir a si próprios, em termos que ressaltam sua masculinidade como componente de sua "politicidade". É claro que nem a todos os homens é permitida a livre expressão de sua sexualidade — que tem sido utilizada nos Estados Unidos, por exemplo, para controlar os homens negros, além de todas as mulheres.

Esses padrões de diferenciação de gênero podem nos ajudar a explicar em parte o que ocorre com as mulheres em organizações mistas tradicionais. O caso espanhol ilustra bem esse aspecto. As formas de militância mista comuns entre as mulheres — graças às quais muitas se concentraram e se converteram em participantes ativos de sindicatos tradicionais ou organizações — foram desvalorizadas pelos homens inseridos nesses grupos. Por exemplo, ainda que as greves

pela "qualidade de vida" na Espanha tenham mobilizado milhares de mulheres nas primeiras décadas do século XX, e muitos anarquistas tenham admitido que as manifestações femininas conseguiram o que a atividade sindical tradicional não fora capaz de alcançar, a CNT não mudou de ideia sobre a forma de sua organização ou sobre como mobilizar as mulheres. A imensa maioria que participou dessa greve nunca foi plenamente incorporada ao movimento anarquista, porque este foi incapaz de admitir a diferença de formas de participação, ou até mesmo de conceitos de ativismo.

Por outro lado, mesmo quando as mulheres se filiavam aos sindicatos e a outras organizações (como a FIJL, os *ateneos* e a FAJ), muitas se sentiam atraídas pelas estruturas menos tradicionais, especialmente pelos *ateneos* e grupos de jovens. E, quando se juntavam a organizações sindicais, raras vezes os programas dessas entidades eram transformados para acomodá-las. Se Teresina Torrelles Graells foi capaz de relatar que seu sindicato têxtil reivindicava salários iguais e licença-maternidade para as trabalhadoras em 1931, seu caso é excepcional — uma exceção que ela atribui à força do grupo de mulheres sindicalizadas. Poucos sindicatos adotaram essas pautas ou se preocupavam com essas demandas, já que eram questões que interessavam, prioritariamente, às trabalhadoras.

Ainda que o comprometimento do movimento com a política da ação direta tenha possibilitado a adoção de práticas especificamente voltadas para as necessidades das mulheres, as organizações raras vezes deram esse passo. Ao contrário, seus programas relegavam essas questões a segundo ou terceiro plano, considerando-as interesses especiais em vez de questões concernentes a todos os trabalhadores. Assim, não podemos nos surpreender com o fato de que as mulheres não se uniam a esses movimentos na mesma proporção que os homens, ou que fossem pouco ativos quando participa-

vam. Esse padrão, em voga na Espanha até a época da guerra civil, é muito pouco diferente do que podemos observar na maioria das organizações de trabalhadores da Europa ocidental e dos Estados Unidos.

Mulheres Livres e as políticas da diferença

A Mulheres Livres tentou enfrentar a marginalização feminina e atender a seus interesses por meio da insistência em um status autônomo, separado das outras organizações. A independência permitia à associação definir seus próprios objetivos nos programas de organização e capacitação, além de poder centrar-se neles apesar da situação de guerra. Criada uma base independente de atuação, poderia ter rejeitado a análise polarizada que destruiu as aspirações de tantas mulheres socialistas, que se viram obrigadas a escolher entre classe e gênero. Em vez disso, elas foram capazes de forjar uma análise e um programa que conversasse com as necessidades e aspirações das trabalhadoras em suas particularidades. Isso não quer dizer que as realidades da guerra e da competição com a AMA e outras organizações de filiação comunista não afetassem os programas da Mulheres Livres. Já vimos que afetaram. Mas a autonomia, tão valiosa para suas fundadoras e tão ameaçadora para as organizações filiatárias majoritárias, protegeu-a parcialmente do controle que os outros grupos estruturados do movimento, de orientação masculina, tentaram exercer sobre ela.

Entretanto, a Mulheres Livres pagou um preço por sua autonomia. Nunca teve os recursos ou o apoio organizacionais que suas líderes desejaram. Além disso, ainda que a maioria delas continuasse militando em outras organizações de movimento libertário, sua influência foi relativamente limitada. O acesso qualitativo às discussões e aos debates sobre as questões políticas em curso lhes foi negado; a tentativa de superar

essa limitação foi o pedido de incorporação autônoma ao movimento libertário. O movimento, porém, nunca chegou a incorporá-las plenamente; tampouco seus temas de interesse foram agregados aos programas. Na verdade, a decisão da FFIJ de criar uma secretaria feminina ilustra a percepção generalizada de que as mulheres não participavam apropriadamente do movimento. Suas vozes independentes foram marginalizadas. A autonomia permitiu que a Mulheres Livres continuasse seu trabalho quase sem restrições — exceto no âmbito econômico —, mas também foi um obstáculo para suas tentativas de comunicação com os homens.

A reivindicação de autonomia organizativa estava baseada tanto no que a associação entendia sobre a dinâmica das relações de gênero dentro das organizações como em seus pontos de vista sobre a “diferença” das mulheres. Em sua defesa de que as mulheres enfrentavam uma tripla opressão — a da ignorância, a do capitalismo e a da condição feminina — podemos enxergar uma tentativa de formular uma perspectiva do funcionamento da opressão institucional. Dessa análise, o grupo concluiu que essas formas de opressão institucional eram um problema não apenas para as mulheres, mas para todos os trabalhadores. Assim, superar a subordinação feminina — no lar, no local de trabalho ou na sociedade como um todo — era essencial para o bem-estar de todos os trabalhadores, homens e mulheres, igualmente. Portanto, a Mulheres Livres sustentava que a resposta apropriada das organizações de trabalhadores (CNT e FAI, por exemplo) às diferenças de gênero, que tinham suas bases na opressão institucional, era lutar para eliminá-las.

Muitos dos escritos e programas da Mulheres Livres, no entanto, pareciam supor que ao menos algumas das diferenças não eram baseadas unicamente na opressão. Essas diferenças representavam valores que deveriam ser conservados

na nova sociedade. Uma série de artigos da revista *Mujeres Libres*, por exemplo, parece quase pressagiar a convocação feita por Carol Gilligan a escutar essa “voz diferente” que, com frequência, se associa às mulheres. Em um editorial em que se celebra a fundação da Federação Nacional Mulheres Livres, em agosto de 1937, temos:

E, ao identificar suas aspirações com a CNT e a FAI, soube reconhecer os aspectos mais genuinamente espanhóis e mais autenticamente revolucionários para enriquecê-los com o conjunto de suas “características próprias”, de suas características femininas. [...] A Mulheres Livres quer que a nova estrutura social não padeça dessa lamentável unilateralidade que até hoje foi o infortúnio do mundo. A Mulheres Livres quer que, na nova Sociedade, os dois pontos de vista — masculino e feminino — convivam e estabeleçam o equilíbrio necessário sobre o qual se assentará os fundamentos da nova justiça. Não pode haver sociedade justa na qual o masculino e o feminino não existam em iguais proporções.²⁸

Aqui, parece que a autora alude à incorporação de uma perspectiva especial que as mulheres trazem para a vida política e social. Outro artigo sobre o mesmo tema, que aborda os problemas de distribuição de alimentos na zona republicana, faz uma exposição mais explícita:

Os restaurantes e os bares dos ricos e seus fornecedores tinham de ser controlados por trabalhadores, ou melhor, por trabalhadoras, por serem mulheres e mães que sabem o que é não ter nada para uma criança fraca e doente, carne para um marido e marido

do trabalho duro das indústrias de guerra. [...] O controle do ramo da alimentação precisa estar nas mãos das mulheres do povo.²⁹

Tais argumentos podem facilmente cair em pressupostos sobre características “essencialmente femininas”, ou até reforçá-los. A Mulheres Livres não era completamente imune a essas concepções, apesar da ênfase anarquista na afirmação de que a personalidade e a sexualidade eram produtos sociais. Muitos artigos da revista parecem admitir como um dado a existência de uma noção atemporal de “feminilidade”, omitindo qualquer referência ao contexto social. Outros tratavam das dificuldades concretas enfrentadas pelas mulheres como mães e partiam da ideia de que as mulheres seriam as mais afetadas se algo ocorresse com seus filhos.

Como organização, a Mulheres Livres não formulou uma postura definitiva sobre quais eram as diferenças entre os gêneros, quais eram suas origens ou quais deveriam ser conservadas e revalorizadas na sociedade revolucionária. Às vezes, o grupo parecia concordar com Emma Goldman e Federica Montseny, que haviam ridicularizado as declarações feministas de que as mulheres eram moralmente superiores aos homens. Goldman e Montseny afirmavam que, se a oportunidade de exercer poder sobre os outros fosse dada às mulheres, abusariam dele assim como fizeram os homens. Os escritos dessas autoras, assim como os de Lucía Sánchez Saornil e Amparo Poch, davam a entender que qualquer diferença existente entre homens e mulheres estava arraigada na opressão social e que desapareceria em uma sociedade mais igualitária.

Mais comumente, entretanto, a Mulheres Livres pareceu admitir que as mulheres eram de alguma forma diferentes dos homens, que essas diferenças não haviam sido totalmente

28. “Un acontecimiento histórico” [Um acontecimento histórico], em *Mujeres Libres*, n. 11, 1937.

29. “Paralelismo”, em *Mujeres Libres*, n. 11, 1937.

formuladas na sociedade opressiva e que uma sociedade anarquista igualitária incorporaria o feminino e o masculino. Ainda que a associação não tenha desenvolvido uma análise sobre essas diferenças comparável àquelas que vêm sendo articuladas pelas feministas contemporâneas "teóricas da diferença",³⁰ o grupo tentou revalorizar essas diferenças e desenvolver uma estratégia para incorporá-las na nova Organização social. Qualquer que fosse a origem da preocupação maior das mulheres com seus filhos e da moralidade no terreno político-social, elas argumentavam que essa era uma perspectiva válida. O movimento anarcossindicalista se enriqueceria com ela, e nunca o contrário.

A Mulheres Livres exigia de suas integrantes que vissem a si mesmas como seres sociais plenamente capazes e que agissem de acordo com isso. Seus programas de educação, conscientização e capacitação forneceram oportunidades para que as mulheres educassem a si mesmas e desenvolvessem habilidades para falar em público e reconstruir sua autoestima e habilidades de que necessitariam para atuar eficazmente nas organizações mistas. A solidariedade feminina como contexto para a mudança de mentalidade era essencial para a capacidade a que aspiravam. A segregação reivindicada pela Mulheres Livres era estratégica e temporal, necessária somente até que um número suficiente de mulheres tivesse desenvolvido as habilidades e a confiança requeridas e pudesse então entrar

com a força de seus argumentos e sua personalidade para influenciar as organizações principais, de dentro delas. Até esse momento, a Mulheres Livres seria uma espécie de lembrete vivo da importância do gênero para o movimento.

Da "diferença" à "diversidade"

Essa revisão da análise e da experiência do grupo nos reconduz a uma questão anterior: que diferença a diferença fará? Nem a Mulheres Livres nem as teóricas contemporâneas formularam uma metodologia para distinguir as diferenças que são manifestações temporais e produtos sociais da subordinação feminina e as particularidades que, ainda que estejam arraigadas nas relações de dominação, merecem ser valorizadas e conservadas na sociedade futura, seja como características especiais das mulheres, seja como de ambos os sexos. A tendência que as feministas mostravam, em princípio, ao negar a importância das diferenças tem sido substituída mais recentemente por outra, de ressaltá-las, ainda que nunca tenham acordado absolutamente sobre quais são essas diferenças.

Dos esforços feministas contemporâneos para resolver a questão das diferenças surgem temas comuns importantes. Vertentes inspiradas pelo trabalho de Michel Foucault e por teóricos da desconstrução do discurso centraram sua atenção nos padrões de domínio e subordinação culturais, assim como na resistência refletida nos "discursos ocultos". Sugerem que é preciso atender não somente às diferenças entre homens e mulheres, mas também às variadas orientações da vida e da política submetidas à rubrica de gênero e então atribuídas diferencialmente a mulheres e homens.³¹ Outras

30. Acertadamente, Martha A. DiManno, Irene "Gender and Politics: The New Women in Political Scene" (Gênero e vida política: novas direcionamentos no cenário político em *Analyzing Gender: A Handbook of Social Science Research Paradigms*, editado por Beverly Hills Sage Publications, 1987, pp. 213-23. Ver também ossovi, Ava, "Feminist Legal Strategies: The Powers of Difference," *Journal of Social Science Research*, pp. 474-503; e Enock, Cynthia H., "Feminist Theology and War, Militarism and Peace," *Reflections Feministas sobre guerra, militarismo e paz*, em *Analyzing Gender: A Handbook of Social Science Research*, pp. 248-77.

31. Ver especialmente Rousseau, *The Feminist Case against Bureaucracy*, cap. 6; e Scott, Jean, "Gender: A Useful Category of Historical Analysis," *Isidoro: uma categoria útil na análise histórica*, em *American Historical Review*, v. 91, n. 5, dez. 1986, pp. 1053-76.

se concentram na vida e nas circunstâncias sociais particulares das mulheres — ou dos membros da classe trabalhadora — que produzem diferentes orientações para a política e a vida social.³² Outras, ainda, adotaram metodologias focadas no desenvolvimento (ou bloqueios no desenvolvimento) de identidades coletivas e comunitárias subnacionais, que podem gerar perspectivas culturais e políticas diferentes da norma dominante.³³

As variações entre esses grupos são significativas, mas podemos ver que todos contribuem para o desenvolvimento de uma tal perspectiva nascente sobre a diferença, que rejeita a noção da mulher (ou pessoa não branca ou trabalhadora) como “outro”, insistindo que devemos descentrar as definições dominantes, entendimentos e instituições e dar lugar a reivindicações e validações de perspectivas distintas. Ressalta a importância de situar as mulheres dentro de coletivos, ao mesmo tempo que reconhece que muitas, se não a maioria delas, fazem parte de vários coletivos, e não apenas de um. Portanto, rechaça a escolha que tantas mulheres ativas na política tiveram de fazer, entre a solidariedade com outras mulheres e a solidariedade com sua classe ou grupo étnico ou racial. Ao mesmo tempo, ratifica o caráter multifacetado das identidades femininas — e de todas as pessoas. *Kara Peterson*

scott, *Joan, Gender and the Politics of History* (Gênero e política da história). Nova York: Columbia University Press, 1988.

32. Alem de Ruddick e Eishain, ver vanus, Isaac. *Marxism and Domination: A New Hegelian, Feminist, Psychoanalytic Theory of Sexual, Political and Technological Domination* [Marxismo e dominação: uma teoria de libertação teológica, política, sexual, política, feminista e neo-hegeliana]. Princeton: Princeton University Press, 1985. Para uma perspectiva crítica, ver Dietz, “Citizenship with a Feminist Face”, pp. 18-37.

33. Lucours & Spelman, “Have We Got a Theory for You? Feminist Theory, Cultural Imperialism, and the Demand for ‘The Woman’s Voice’”, *Isaac, Sister Outsider: Essays on Race & Gender*, ed. Alia. “Contextualizing Feminist Gender, Ethnic and Class Perspectives” [Contextualizando teorias de feminismo/gênero, étnica e classe], em *Isaac, Sister Outsider* [Mulheres não são Etnias]. Nova York: St. Martin’s, 1989.

pectiva substituiria uma política da diferença, em que todos somos definidos com relação a uma norma, por uma política da diversidade, que reconhece e valida modos distintos de ser, sem classificá-los segundo uma norma hierarquicamente definida.³⁴ As militantes da Mulheres Livres que ressaltavam a importância de uma “perspectiva feminina” para o movimento anarquista e aquelas que hoje insistem em ouvir as “diferentes vozes” das mulheres incitam a valorização de suas próprias forças. Ao mesmo tempo, afirmam que a sociedade em geral se beneficiaria se muitas dessas características fossem mais amplamente compartilhadas.

Devemos desafiar a classificação hierárquica do sistema dominante de valores e começar a conceituar uma sociedade (ou um movimento) a partir da diversidade, mais que das diferenças baseadas em uma norma concreta — por mais que se apresente como “universal”. Essa perspectiva é a base dos apelos de Audre Lorde, Adrienne Rich, Marilyn Frye e outras: que as feministas enfrentem o racismo, a heteronormatividade e a opressão de classe dentro do movimento feminista e da sociedade em geral.³⁵ Essa perspectiva explica também

34. Devo muito ao trabalho de Iris Young, especialmente “The Ideal of Community and the Politics of Difference” [O ideal de comunidade e as políticas da diferença], em *Social Theory and Practice*, v. 12, n. 1, primavera de 1989, pp. 1-26. Ver também SPELMAN, *Essential Woman*; FRIEDMAN, Marilyn. “Feminism and Modern Friendship: Dislocating the Community” [Feminismo e amizade moderna: deslocamento da comunidade], em *Ethics*, n. 99, jan. 1989, pp. 275-90; e TRONTU, Joan. “Otherness in Moral Theory (or, If We’re So Smart, Why Are We Racists, Sexists, Anti-Semites, Ethnocentric, Homophobic, etc.?)” [Alteridade na teoria moral (ou, se nós somos tão espertos, por que somos racistas, sexistas, antisemitas, etnocêntricos, homofóbicos etc.?). Trabalho preparado para ser apresentado na reunião anual da American Political Science Association, em Chicago, em setembro de 1987.

35. LORE, Sister Outsider; rich, Adrienne. “Dialogic to Civilization: Feminism, Racism, Gynophobia”, pp. 275-310, e “Notes towards a Politics of Location” [Notas sobre política da localização], em *Black, Brown and Beary: Sisterhood* (1979-1985), pp. 810-31; rich, Marilyn. *The Politics of Reality* [As políticas da realidade]. Transmissão: Crossing Press.

o que a Mulheres Livres estava tentando conseguir com sua insistência em um status separado das outras organizações. Uma forma de descentrar as normas de orientação masculina dos movimentos anarquista e anarcossindicalista, argumentavam as mulheres da organização, era incorporando outra organização ao movimento, com um conjunto diferente de características valiosas.

Assim, a própria existência da Mulheres Livres era uma forma de ação direta. Sua incorporação ao movimento libertário como membro organizativo plenamente igual teria sido um desafio ao caráter normativo das aspirações de orientação masculina, por meio de novas ideias em relação às mulheres e suas capacidades, mas também à variedade da natureza humana e, mais amplamente, às possibilidades de uma sociedade verdadeiramente igualitária.

Em direção a uma nova concepção de política

Quais ensinamentos da Mulheres Livres podem contribuir com uma política feminista e democrática participativa atualmente? Ainda que a Mulheres Livres, em comparação com outros movimentos de esquerda, se concentrasse explicitamente em gênero, sua experiência nos fornece o modelo de uma estratégia independente e não separatista para lidar com a diversidade.

Especificamente, para além de sua preocupação com o empoderamento e a incorporação das diferenças, a história da Mulheres Livres nos aponta para a importância da comunidade no processo de conscientização. Feministas e anar-

listas, assim como anarquistas, argumentaram que a participação política verdadeira só pode acontecer dentro de uma coletividade política igualitária e respeitosa. Mas a questão permanece: qual comunidade cumpre essas características? A Mulheres Livres não se identificava com outras organizações femininas, mas, sim, com o movimento libertário.

Feministas, trabalhadores e pessoas de várias etnias já reiteraram na atualidade que necessitamos de subcomunidades de pessoas como nós para nos sentirmos validados e valiosos em nossas especificidades.³⁶ A Mulheres Livres, no entanto, entendia que, por mais necessárias e importantes que fossem essas subcomunidades, elas seriam, afinal, insuficientes e parciais. Nenhum grupo pode, por si mesmo, ser a única base de um movimento que transforme a sociedade. Um movimento deve incorporar muitos desses coletivos e respeitar as diferenças entre eles, valorizar as contribuições que cada grupo fornece ao todo e aproveitar o poder que deriva da ação conjunta. Os conceitos de diferença e diversidade podem nos oferecer novas maneiras de refletir sobre como construir comunidades que nos capacitem. Terminarei fazendo referência a um dos aspectos associados ao legado da Mulheres Livres: o desafio da construção do "político" baseada no gênero e no recorte de classe, e o início da conceitualização de uma política da diversidade.

Os críticos das políticas democráticas liberais apontam para o recorte de classe como parte da estrutura política e da própria conceitualização da política em si. Como expressou E. E. Schattschneider, "o defeito do Céu pluralista é que o

1983; e JERUEN, Myra. "Against Human Wholeness" (Contra a integridade humana), texto apresentado no Boston Area Feminist Theory Colloquium, primavera de 1984.

36. Por exemplo, REAGON, Berrice/Johnson. "Coalition Politics: Turning the Century" [Coalizão política: transformando o século], em *Home Girls: A Black Feminist Anthology* [Sororidade: uma antologia do feminismo negro]. Nova York: Kitchen Table/Women of Color Press, 1983, p. 359.

coro celestial canta com um sotaque forte da classe alta”.³⁷ Os pobres e os trabalhadores estão desproporcionalmente sub-representados entre aqueles que participam da política, o que os prejudica de modo fundamental. Como já apontaram gerações de críticos, as “regras do jogo” da democracia liberal — a ênfase nos indivíduos isolados com perfis de interesses independentemente formados — beneficiam os que já estão no poder e impedem que os demais reconheçam suas necessidades, que são outras, e ainda menos que as articulem e lutem por elas no terreno político.³⁸ A política, como insistem os socialistas e os anarquistas, não consiste simplesmente na distribuição de cargos em uma “estrutura de oportunidade política”, mas na estruturação do poder na sociedade como um todo. Assim, os marxistas e, mais especificamente, os anarquistas insistiram na prática da participação popular generalizada, em instâncias variadas. Os marxistas priorizaram os sindicatos e os partidos de trabalhadores; os anarquistas espanhóis adicionaram a luta cultural e a organização da comunidade. Muitas das manifestações de protesto atuais nos Estados Unidos — começando pelos movimentos pelos direitos civis e o pacifista dos anos 1950 e 1970, incluindo também a organização direcionada a questões educativas, os protestos antinucleares e ecologistas — basearam-se em formas orga-

37. SCHATTSCHNEIDER, E. E. *The Semi-Sovereign People* [O povo semissoberano]. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1960, p. 35.

38. MARX, Karl. “On the Jewish Question”, em *Marx, Early Writings*. Nova York: Vintage, 1975, pp. 211-41 [Ed. bras.: *Sobre a questão judaica*, São Paulo: Boitempo, 2000]. MACPHERSON, C. B. *The Political Theory of Possessive Individualism* [A teoria política do individualismo possessivo]. Nova York: Oxford University Press, 1962; BACHRACH, Peter & BARATZ, Morton. “Two Faces of Power” [Duas faces do poder], em *American Political Science Review*, n. 56, 1962, pp. 947-52; BALBUS, Isaac. “The Concept of Interest in Pluralist and Marxian Analysis” [A concepção de lucro na análise marxista e pluralista], em *Politics and Society*, v. 1, n. 2, 1971, pp. 151-77; URSINZ, Lewis. “The Grievances of the Poor” [As queixas dos pobres], em *Power and Community* [Poder e comunidade]. Nova York: Random House, 1970, pp. 142-72.

nizativas não sindicais: grupos de vizinhos ou comunitários, comunidades culturais étnico-raciais e coalizões formadas ao redor de interesses político-sociais comuns.

As feministas contribuíram com outra dimensão à crítica da política democrática liberal, apontando que nossos conceitos e práticas políticas carregam códigos de gênero e de classe. Quando o “político” é definido como aquilo que tem lugar na esfera pública, supostamente separada da esfera privada e doméstica — e supostamente superior a esta —, os interesses de muitas mulheres e de muitos homens são definidos como algo à margem da política. Assim, a natureza política de suas atividades é negada ou invisibilizada. Por exemplo, Carole Pateman aponta em *O contrato sexual* que a subordinação feminina não é um problema para a teoria política liberal. A autora argumenta que, já que essa teoria pressupõe que as mulheres se relacionam com a sociedade por meio dos homens, sua exclusão do contrato social quase não foi notada. Penso que essa afirmação se relaciona com a minha, exposta anteriormente, de que, quando as mulheres são percebidas apenas em termos de sua “especificidade”, suas preocupações e seus verdadeiros interesses são, na maioria dos casos, negligenciados. Assim, todas as dimensões dos interesses humanos, assim como a ação coletiva, são desvalorizadas, e toda a comunidade é subjugada.³⁹

Ao ressaltar a natureza coletiva da opressão que tanto mulheres como homens experimentavam como classe trabalhadora, a Mulheres Livres afirmava que o fim da opressão necessitava da ação coletiva e somente poderia ser avaliado segundo normas coletivas: o sucesso não se definia pela conquista individual das mulheres no mundo político ou corporativo. As estruturas hierárquicas tinham de ser abolidas, e as

39. PATEMAN, *The Sexual Contract*.

mulheres deveriam participar desse processo, assim como da criação da nova sociedade. As questões de classe e gênero deviam ser enfrentadas simultaneamente.

Muitas feministas (tanto na Espanha como em outros lugares da Europa, e também nos Estados Unidos) compartilhavam um aspecto dessa concepção. Sustentam que as mulheres são oprimidas como grupo e que podem remediar as injustiças das quais são vítimas apenas por meio da ação coletiva. Entretanto, o componente de classe dessa análise foi, muitas vezes, deixado de lado. Isso resultou na identificação do feminismo com os esforços de algumas mulheres para alcançar posições privilegiadas nas instituições e organizações hierárquicas existentes. Houve exceções, é claro. Organizações sufragistas de trabalhadoras na Grã-Bretanha, esforços para organizar grupos feministas socialistas na França, as “feministas materialistas” dos Estados Unidos, que tentaram exercer controle sobre a chamada esfera doméstica. Mas muitas delas foram, finalmente, incapazes de se concentrar em ambas as questões. Como afirma Dolores Hayden, ao se referir às feministas materialistas dos Estados Unidos, muitas das estratégias coletivas que as mulheres propuseram para enfrentar o isolamento e a discriminação estavam abertas apenas a mulheres de classe média, como elas. Passaram longe de enxergar que seus programas dependiam da exploração contínua das mulheres trabalhadoras.⁴⁰ Com o tempo, o feminismo se identificou com o objetivo de conseguir acesso às hierarquias de privilégio existentes, mais que sua reestruturação fundamental. Atualmente, nos Estados Unidos, certos grupos ativistas afirmam que as concepções imperantes acerca da política econômica condicionadas não só por linhas de classe e gênero, mas também de identidade étnico-racial, de orientação sexual,

40. Hayden, Dolores, *The Grand Domestic Revolution: A grande revolução doméstica* (Cambridge: MIT Press, 1981).

capacidade física etc. O “cidadão universal” da teoria democrática liberal não é apenas um homem de classe alta, mas também um chefe de família branco, sadio, forte e heterossexual.⁴¹ Ao tratar todas as pessoas como simples portadoras de interesses, o individualismo democrático liberal mascara estruturas de poder e, particularmente, relações de dominação e subordinação que afetam as pessoas (e estruturam seus “interesses”) como membros de coletividades subnacionais.

Ao mesmo tempo, o paradigma individualista não deixa espaço, ou deixa muito pouco, para a articulação consciente de interesses e perspectivas que derivem de distintos contextos e históricos culturais, étnicos, religiosos ou de gênero. Tal paradigma trata esses contextos como geradores de “interesses” diferentes ao redor dos quais os indivíduos podem se reunir ou, o que é mais comum, como oportunidades para a opressão ou discriminação, baseadas em quais dos membros desses grupos particulares têm negado o acesso aos bens sociais. Mas ser parte de um coletivo não é meramente uma questão de experimentar a opressão. Dizer que os negros, as mulheres, os gays, os judeus, os muçulmanos ou os deficientes são discriminados e prejudicados em um sistema que toma como cidadão normal o homem branco, cristão, heterossexual e sadio não significa que não existam características positivas e valores que os membros desses grupos desenvolveram — ainda que tenham feito isso em resposta à opressão. O individualismo liberal “acabaria” com todas essas diferenças em nome da cidadania universal. O socialismo marxista

41. John Rawls, em *A Theory of Justice*, deixa isso claro, ainda que de forma inconsciente. Ver também WALZER, *Spheres of Justice* [Esferas da justiça]. Como críticas, ver OKIN, Susan Moller, “Justice and Gender” [Justiça e gênero], em *Philosophy and Public Affairs*, v. 16, n. 1, inverno de 1987, pp. 42-72; e PATMAN, Carole, *The Disorder of Women: Democracy, Feminism and Political Theory* [Os tumultos das mulheres: democracia, feminismo e teoria política] (Stanford: Stanford University Press, 1989), caps. 6, 8 e 9.

acabaria com todas, menos com as baseadas na classe social, em nome da revolução proletária. De maneira semelhante, algumas feministas radicais acabariam com todas, menos com as baseadas no gênero, em nome da "sororidade". Mas os que agora estão tirando forças de suas identidades como membros de um ou mais coletivos não estão dispostos, e com razão, a abandoná-las em troca da cidadania plena.

O desafio consiste em desenvolver uma concepção de política e de vida política que ultrapasse o individualismo e a análise estreita de classe ou gênero. Essa reconceitualização deve reconhecer as pessoas não como portadoras de interesses, mas como participantes em uma variedade de comunidades que contribuem como componentes importantes de sua identidade. Quando as socialistas francesas se viram obrigadas a escolher entre "as mulheres" e a "classe trabalhadora", sua própria identidade como mulheres trabalhadoras desapareceu. Igualmente, quando as mulheres negras ou judias dos Estados Unidos se veem obrigadas — pelos membros de seu grupo étnico-cultural ou por outras mulheres — a escolher entre a lealdade a outras mulheres ou a lealdade a seu grupo, suas próprias identidades estão sendo negadas. Por isso, não deveria surpreender que, nos Estados Unidos, muitas trabalhadoras ou pertencentes a minorias étnicas desconfiem do "movimento feminista", mesmo que estejam de acordo com muitos dos objetivos feministas e os apoiem. Os apelos individualistas negam ou desprezam os vínculos que as pessoas das minorias étnicas ou da classe trabalhadora sentem reciprocamente. Parece que a promessa de conquistas e realização individual deve ser ganha ao preço do abandono da identidade e da solidariedade de grupo.⁴² Ao

42. Ver, por exemplo, Bennett, Richard & com Jonathan, *The Hidden Injuries of Race* (Os danos de classe racial), Nova York: Vintage, 1972; ou, Allan, Martha & Finn [Inimigos da dor], *New York: Basic Books*, 1976, e Eric & Alfred Kim

mesmo tempo, esses apelos separaram as mulheres trabalhadoras (brancas ou não) das mulheres brancas de classe média ao negar a realidade específica de cada situação.

Ninguém deveria se ver obrigado a escolher entre aspectos de sua identidade para poder pertencer a um grupo político ou comunitário. Todos somos seres complexos, capazes de compromissos múltiplos com uma variedade de coletividades, os quais enriquecem nossa vida e nos capacitam. No caso da Mulheres Livres, elas foram rotuladas de "sectárias", mas não é necessário que seja assim. Compromissos múltiplos são sectários somente no âmbito de comunidades que exigem lealdade exclusiva. Se podemos nos distanciar dos padrões hierárquicos dominantes, nos quais um tipo de compromisso é concebido como primordial ou superior, e admitir que possuímos uma variedade de compromissos de diferentes intensidades com diferentes grupos — cuja importância pode variar com o tempo —, então podemos começar a criar comunidades que os reconheçam e que não exijam lealdade exclusiva. Assim talvez possamos reivindicar para nós mesmos o legado que a Mulheres Livres lutou tanto para criar.

Foram os primeiros passos para a emancipação da mulher. Primeiros passos que talvez não puderam ser gigantes porque houve a guerra, o exílio... a sociedade se transformou. São os nossos filhos que precisam marcar o passo agora e ser os protagonistas de novos modelos. Mas o objeto de nossas memórias, tão belas memórias, essa luta tão difícil e tão pura... será que serviu para algo?⁴³

43. Azucena Fernandez Barba, entrevista, 15 ago. 1981.